

SAVARY, Olga. *Anima animalis – voz de bichos brasileiros*.
Caraguatatuba: Letra selvagem, 2008.

Sergio Alves Peixoto
Universidade Federal de Minas Gerais

Olga Savary foi, na literatura brasileira, a primeira mulher a escrever um livro de poemas tendo por temática o erotismo. O ano era 1982, e o livro intitula-se *Magma* (não confundir, infelizmente, com o decepcionante livro de poemas de Guimarães Rosa). De lá para cá, já são, com este *Anima animalis*, dezenove livros de poesia, da melhor poesia que se faz no Brasil de hoje, seja ela de cunho erótico, ou não.

Conceituada entre seus pares e críticos literários, não são prêmios que lhe faltam: APCA, Jabuti, Academia Brasileira de Letras, entre outros. Tradutora renomada, entre suas traduções encontramos, por

exemplo, Lorca, Neruda, Borges e Otávio Paz.

Lançado em 2008, *Anima animalis* continua a tradição dessa poeta paraense na busca pela palavra concisa vazada em versos curtos, mais especificamente na forma do *hai-kai*, forma essa que ela praticamente introduziu na literatura brasileira ao traduzir, entre outros, o grande japonês Bashô. Poesia perigosa, essa, a de versos extremamente concisos; pode resultar em uma poesia anêmica. O que não é o caso de Olga Savary.

O livro se faz de dez animais, um besteiário mais preocupado com a poesia em si, em sua pureza que a afasta do referente, do que com

representações dessas “bestas”. Essas representações estão lá, sim, mas, é verdade, em estilizadas iluminuras, como é de praxe em um bestiário, feitas pelo gravador Marcelo Frazão, artista que deu idéia para a consecução do livro, ao convidar a poeta para emoldurar suas obras com seu verso. Além dos poemas em português, o livro traz traduções para o espanhol, o finlandês, o francês, o inglês, e o italiano. Qual a razão dessas traduções? Não sabemos. Talvez com tão poucos animais, a obra não se configurasse realmente como um livro. Uma razão prática, portanto. Um senão? A não inclusão do nome dos tradutores.

Embora o subtítulo da obra diga que se tratará, aí, no livro, das vozes de bichos especificamente brasileiros, não é bem isso o que ocorre. Também não sabemos a razão. Em ordem alfabética, eles aparecem, os dez animais escolhidos: o beija-flor, o bode, o cavalo, o jacaré, o lobo-guará, o peixe, o sapo, o tamanduá, o touro e, finalmente, o urubu. De cada um, Olga procura extrair, por intermédio de belas imagens, a essência, a voz, a alma.

Assim, do beija-flor, destaca-se a esperança da liberdade de voar; do bode, o erotismo de um fauno; do cavalo, poema dedicado a Mário Quintana, a beleza, já que para o poeta gaúcho, é ele o animal mais belo da natureza; do jacaré – o único poema longo do livro – as lembranças de sua terra, o Pará amazônico, com seus mitos e mistérios; do lobo-guará, como já nos mostrou a Rede Globo, a desconfiança e a esperteza do bicho em terras do Carajá mineiro; do peixe, a maravilha de conter o mar em suas guelras; do sapo, a transmutação em príncipe encantado de encantadas lendas; do tamanduá, o erotismo da língua fálica; do touro, o remanso trágico que, é pena, a poeta perde ao não se referir ao famoso animal trazido à literatura por Clarice Lispector em seu livro de contos *Laços de família*; finalmente, do urubu, a transmutação da morte em vida, um dos papéis que a tradição tem atribuído à arte em geral e à poesia mais especificamente.

Como dissemos no início, Olga procura tirar dos animais escolhidos, a sua voz, a sua alma, a poesia que ela vê neles. Interessante

é perceber que o primeiro e o último poema deixam falar animais alados: o beija-flor e o urubu. A liberdade do vôo de ambos estaria configurando a liberdade da poesia que Mário de Andrade já tinha visto perdida no poema “Os cortejos” de sua *Paulicéia desvairada*, ao dizer que, na cidade que cresce e se moderniza as asas, a alegria e a poesia inexistem? (“Nada de asas! Nada de poesia! Nada de alegria!”) Estaria Olga querendo dizer, como muitos representantes de uma poesia moderna o fizeram, que a poesia pode ser feita do belo e do feio? Do sublime e do grotesco?

Do livro, alguns poemas se sobressaem, como é o caso de “Bode”, onde vemos no verbo “homenageio”, a alusão à transmutação do homem e do bode no fauno mítico:

Meu outro nome? Fauno.
Não ofendo, homenageio
Donzelas na mata.

Ou, no maior deles, como figurando a desmesura da força física e do corpo, vêem-se as origens de Olga e as origens do mundo tectônico e não só amazônico. O poema é “Jacaré”, um enigma para

todos e para todo o sempre, perdido no mistério original dessa Pangéia que, segundo o *Novo Aurélio*, certa teoria científica diz ter sido “um continente antigo, constituído pela reunião dos atuais continentes, os quais teriam surgido pela fissuração do bloco original”:

Jacaré

Jacaré de rio,
do rio Amazonas
e seus afluentes
ao Paracatuba
do belo Pará,
faço tremer o chão
sob os vários pés.
Rujo igual leão,
urro como touro,
desafio à luta
tudo quanto é macho.
Sobrevivo às eras
no sul da América
do Norte, no norte
da América do Sul,
e ao longo do vale
do rio chinês Yang-Tse.
Por que só em lugares
tão distantes um do outro
ninguém explica ou
só a Pangéia é que explica,
é enigma, mistério
de jacaré.

O recurso ao bestiário foi uma escolha de Olga Savary para dar voz a determinados animais e, dessa maneira, deixar falar mais puramente sua poesia e a poesia brasileira contemporânea. Assim fazendo, nessa reduzida seleção de pequenos poemas sintéticos e imagéticos por excelência, introduzidos por iluminu(grav)uras pessoais e criativas de Marcelo Frazão, a *anima* do poeta se desvela no verso e pelo verso. Neles, no verso e no

poema, o humano e o animal se identificam e se complementam poeticamente.

As “asas de metáfora”, de “Beija-flor”, que inicia o livro, e “o voar do chão até a nuvem”, do último deles, “Urubu” são fórmulas nada matemáticas dessa poesia que Olga Savary mais uma vez professa. Uma poesia que, pela linguagem, que é seu corpo, permite-se alçar ao etéreo, ao imponderável, à magia.